

6-2004

Reflexão sobre o Carisma Espiritano de 1703 a 1839

Henry J. Koren

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Koren, H. J. (2004). Reflexão sobre o Carisma Espiritano de 1703 a 1839. *Missão Espiritana*, 5 (5). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol5/iss5/13>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

reflexão sobre o carisma espiritano de 1703 a 1839¹

Durante 60 anos, o seminário foi dirigido por superiores escolhidos, embora não tivessem muito mais que uma vintena de anos; os seminaristas participavam igualmente na sua escolha, como se se tratasse de uma república de estudantes. Completados estes estudos, os padres optavam pelos serviços apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados.

O vigor da fundação de Poullart des Places não provinha da sua organização, mas do seu carisma. O que tinham em comum era a sua concepção do sacerdócio. Ser padre significava para eles uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos pobres e abandonados, acompanhada duma pobreza voluntária.

Recordar-se-á que o termo *espiritano* designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.

O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual.

Esta abertura à experiência exige o nosso abandono do passado. Se o *espiritano* não quer pregar a mortos, deve basear-se sobre as coisas vividas entre aqueles que o escutam.

*“Recordar-se-á que o termo *espiritano* designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.”*

* Henry J. Koren, missionário espiritano, reconhecido historiador e investigador das fontes espiritanas, recentemente falecido. Ao traduzir este artigo e ao inseri-lo na secção Biblioteca Espiritana, *Missão Espiritana* quer prestar uma homenagem legítima a este valoroso historiador e estudioso do carisma espiritano.

¹ É ao Pe. Christian de Mare que devemos a tradução do inglês para francês de algumas páginas do Pe. Henry J. Koren, extraídas da sua recolha de artigos e conferências. “*Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History*”. Neste texto, Christian de Mare fez uma escolha, apresentada abaixo em duas partes. Para cada uma delas, redigiu uma introdução que é apresentada em itálico.

Origem e evolução da inspiração inicial

Introdução

“o Pe. Koren estuda quatro figuras de fundadores que claramente se demarcaram dos caminhos habituais de vida religiosa seguidos no seu tempo e que fizeram obra durável de inovadores. Em primeiro lugar debruça-se sobre o carisma de S. Bento, depois sobre o de S. Francisco de Assis, em seguida sobre o de S. Inácio e por último estuda a obra de Poullart des Places e de Libermann; mas aqui não nos fixamos sobre o que se refere a este último”

Na primeira parte do texto aqui traduzido² o Pe. Koren estuda quatro figuras de fundadores, que claramente se demarcaram dos caminhos habituais de vida religiosa seguidos no seu tempo e que fizeram obra durável de inovadores. Em primeiro lugar debruça-se sobre o carisma de S. Bento, depois sobre o de S. Francisco de Assis, em seguida sobre o de S. Inácio e por último estuda a obra de Poullart des Places e de Libermann; mas aqui não nos fixamos sobre o que se refere a este último.

A apresentação que ele faz do carisma de Poullart deve ser entendida na linha do que une as figuras deste artigo: são todos campeões da novidade, o mesmo é dizer da liberdade. Poullart é apresentado como um fundador que, a exemplo de S. Francisco, criou um espírito, mais que uma estrutura. Seguindo esta intuição, a Regra de 1734, muito marcada pelo espírito iniciano, fixa-se sobre as disposições jurídicas próprias para consolidar a Congregação do Espírito Santo. Pouco preocupada com o seu crescimento, mas muito mais com o valor da formação que podia dar, a Congregação encontrou-se definitivamente enfraquecida depois da Revolução Francesa que a tinha destruído.

O Pe. Koren julga que a fraqueza das suas estruturas jurídicas não pôde evitar que a Congregação, restabelecida por Luís XVIII, caísse em declínio no princípio do século XIX. Mas é preciso também ter em conta que as novas orientações recebidas pelo instituto da autoridade real, depois da Revolução e do Império, eram muito diferentes da visão inicial do fundador. Não diz o Pe. Koren que des Places não tinha previsto para a sua comunidade tarefas nas missões longínquas? E com razão: elas eram então inacessíveis.

A leitura deste estudo põe bem em evidência o grande desinteresse que Poullart soube transmitir aos seus discípulos e que os preparou para mudanças insuspeitas. O espírito permaneceu, e Francisco Libermann, trazendo, em 1848, à Congregação envelhecida o vigor da sua direcção e da sua inspiração, mostrava o mesmo desinteresse na disponibilidade evangélica a favor dos pobres e dos abandonados.

Uma história extraordinária

Entre os institutos religiosos, “poucos tiveram uma história tão extraordinária como o dos espiritanos”, escreve um historiador jesuíta em 1986. A obra fundada em 1703 por um estudante do colégio Luís-o-Grande, com a idade de 24 anos, esteve sem existência legal durante trinta anos, tanto como casa religiosa como seminário, embora estivesse inteiramente conforme às orientações dadas pelo Concílio de Trento. Durante 60 anos, o seminário foi dirigido por superiores escolhidos, embora não tivessem muito mais que uma vintena de anos; os seminaristas participavam igualmente na

² H.J.KOREN, (1990). «Essays on the Spiritan Charism and on Spiritan History». In Bethel Park, PA, USA, Spiritus. Press, 149: 48-52.

ua escolha, como se se tratasse de uma república de estudantes. Os seus programas de estudos exigiam primeiramente três anos de filosofia, incluindo a matemática e a nova teoria da física de Newton, depois cinco anos de teologia; por fim, se necessário, dois anos de Direito Canónico ou de Sagrada Escritura. Completados estes estudos, os padres optavam pelos serviços apostólicos mais modestos entre os pobres e os abandonados.

O fundador morreu dois anos depois da sua ordenação, tendo apenas trinta anos; o seu sucessor morreu seis meses mais tarde; depois foi Luís Bouic, com apenas 26 anos que assumiu a responsabilidade de governo e que dirigiu o instituto durante 53 anos. Um tempo de governo só ultrapassado em poucos institutos: o único caso que se conhece é o de S. Hugo de Cluny que foi abade em 1049 e ficou no cargo durante 60 anos.

A propósito do programa de estudos, quão diferente era a atitude de Poullart des Placés da do sulpiciano Etienne Mollevault, que em 1825, - numa época completamente diferente, é verdade, - dava a um director de seminário do tempo de Libermann, o seguinte conselho: “Tenha cuidado em não alimentar o espírito de curiosidade que mata a acção da graça, pense que a maior parte dos seus ouvintes deve exercer o ministério nos meios rurais com bons camponeses e por consequência veja o que lhes será mais útil”. No entanto, ele escrevia estas linhas numa época em que Félicité de Lammenais afirmava em 1828: “nunca, depois de muitos séculos, o clero na sua maioria, tinha sido tão ignorante como hoje, e nunca, no entanto, a verdadeira ciência tinha sido tão necessária”³.

Durante muitos anos (pode-se mesmo dizer quase 150 anos), a fundação espiritana foi mais um movimento do que uma organização e quando, em 1734, ela adquire uma estrutura visível, esta consistia apenas num corpo de directores exigido pela lei civil para que se pudesse falar de personalidade legal. Os directores não tomavam um compromisso religioso sob a forma de votos ou de promessas, mas assinavam um contrato em que se obrigavam a observar os estatutos, estatutos que, no dizer de um jurista oficial, dois séculos mais tarde, eram duma extrema concisão.

O vigor da fundação de Poullart des Placés não provinha da sua organização, mas do seu carisma. Todos os seus membros - qualquer que fosse a qualificação que tivessem alcançado - foram reconhecidos como espiritanos e não tiveram outros compromissos religiosos particulares a não ser os do seu sacerdócio. O que tinham em comum era a sua concepção do sacerdócio. Ser padre significava para eles uma disponibilidade evangélica na obediência ao Espírito para o serviço dos pobres e abandonados, acompanhada duma pobreza voluntária. Sem dúvida, pensavam que esta concepção do sacerdócio era suficiente para viverem a vida religiosa na sua autenticidade e tudo o que se juntasse aos seus compromissos apostólicos pelos votos ou promessas era inútil ou artificial.

³ Estas duas citações são extraídas de: G. BERTIER de SAUVIGNY, (1974). *Au soir de monarchie. La Restauration*. 3ª Edição. Paris: Flammarion: 309. Na página seguinte, encontra-se a interessante reflexão de um bispo, Mgr Leblanc de Beaulieu: “gosto mais de cultivar a vinha do Senhor com burros do que deixá-la inculca”.

O que Des Places queria era a verdade: não só a aparência, mas a identificação real com os pobres, através de uma existência frugal. Para ele, a opção evangélica pelos pobres era fidelidade ao Espírito. Não havia nada de mais urgente, porque nesse tempo eram poucos os padres verdadeiramente entregues ao seu serviço. A mesma penúria existe ainda nos nossos dias.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Bento

Se comparamos a regra de Poullart des Places e a de S. Bento, podemos encontrar alguns pontos de convergência muito úteis. Como a de S. Bento, a regra do nosso fundador, que ele acabou por volta de 1706, era somente uma regra interna; apresentava linhas de conduta para certos serviços da casa, para a vida de oração e para os estudos. Não descrevia o espírito da casa, antes o pressupunha. Como a vida mudou muito desde então, a maior parte das suas prescrições são obsoletas como as de S. Bento.

Contudo, os beneditinos têm continuado a guardar a regra original, como um texto venerável, frequentemente lido e comentado, mesmo que todos os costumes e constituições respondam às necessidades actuais. Mas entre os espiritanos, as regras de Poullart des Places estiveram muito tempo confinadas aos arquivos; aí dormiram até à sua publicação em 1959⁴. As nossas Regras e Constituições actualizadas em 1986 não contêm mesmo nenhuma referência a essas antigas regras como a uma das suas fontes, não mais que à regra de 1734, que era uma versão revista e actualizada da de 1706. No entanto, a regra de 1734 apresentava explicitamente o carisma espiritano de disponibilidade evangélica, na fidelidade ao Espírito, para o serviço dos pobres.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Francisco

Se comparamos a regra de Poullart des Places com a de S. Francisco de Assis, vemos que ambas salientam a importância da pobreza evangélica. Mas o nosso fundador viu a pobreza como uma realidade subordinada ao serviço da pregação do Evangelho, mesmo se ela fosse exigida incondicionalmente por este serviço. Chamados a servir os pobres, os seus discípulos deveriam mostrar, pelo seu estilo de vida, que se identificam com eles. A prioridade é a pregação do Evangelho, mas esta pregação não se faz só com palavras, mas igualmente com esta sobriedade no estilo de vida.

A Regra de Poullart des Places e a de S. Inácio

No que respeita à regra de S. Inácio, é muito claro que o próprio programa dos estudos mostra quanto o nosso fundador foi profundamente influenciado pelos jesuítas. Recordar-se-á que ele tinha sido educado por eles durante cerca de doze anos. Depois, durante muito tempo, os jesuítas

⁴ Henry J. Koren e Maurice CARIGNAN (éd.). *Les Écrits spirituels de M. Claude-François Poullart des Place*. Pittsburgh: Duquesne University; Louvain, Nauwelaerts; Rhenen, Spiritus, 1959. Em 1983, em *Cahiers Spiritains*, n.º 16, o P. Joseph Lécuyer reproduziu uma edição (reed. em 1988) na qual os *Règlements* não são mais transcritos integralmente. Encontrar-se-á no presente trabalho a totalidade destes *Règlements généraux et particuliers*: 331-367.

foram directores espirituais no Seminário do Espírito Santo⁵. A influência de S. Inácio é ainda mais visível na regra de 1734 que está muitíssimo baseada nos regulamentos e costumes introduzidos por Poullart des Places. Embora a regra de 1706 exija uma obediência cega, a de 1734 retoma quase palavra por palavra a exigência inaciana da obediência perfeita sob todos os aspectos, quanto à execução, ao juízo e à vontade. A mesma coisa para a prática da pobreza: que a alimentação, o vestuário, o leito e o quarto sejam o que convém aos pobres e também em tudo o resto. Como os jesuítas, os espiritanos tinham por regra que o Superior era eleito para o seu mandato, sem limite de tempo, mas que podia ser substituído pela maioria dos seus conselheiros. Estes reuniam-se todos os três anos sem a sua presença para consultas mútuas e para examinarem se não teria chegado o tempo de eleger um outro Superior Geral. Se quatro dos seis conselheiros respondessem afirmativamente a esta consulta, ele era destituído do seu cargo⁶.

“obediência cega”

“perfeita sob todos os aspectos, quanto à execução, ao juízo e à vontade”

As Missões longínquas

A primeira menção específica dum trabalho nas missões longínquas não se encontra antes da regra de 1734, onde aparece como uma tarefa entre tantas outras que os espiritanos poderão empreender. Se o fundador não fez referência às missões longínquas, não é por se lhes ter oposto ou por nunca nisso ter pensado; mas é devido às circunstâncias particulares do início do século XVIII que as tornavam praticamente inacessíveis àqueles que tivessem desejo de a elas se consagrarem. O principal obstáculo era que os espiritanos só podiam ir para lá por intermédio da Sociedade das Missões Estrangeiras e este instituto estava eivado de jansenismo.

“que a alimentação, o vestuário, o leito e o quarto sejam o que convém aos pobres e também em tudo o resto”

Por vezes defende-se a ideia de que os espiritanos têm sido sempre, e antes de tudo, missionários; mas o único argumento apresentado para defender esta opinião refere-se ao desejo de des Places, no tempo da sua conversão (1701), de se consagrar às missões longínquas. Este argumento não parece muito convincente. Quase todos os jovens que tiveram uma sólida formação católica, e especialmente aqueles que desejaram ser padres, foram atraídos por esta vocação, mas para a maior parte deles, não passou de um voto piedoso como que efémero. Se, em lugar de serem missionários, os espiritanos se tivessem tornado contemplativos, poderia ter justificação, talvez ainda melhor, recorrendo à ideia, igualmente efémera, do fundador formar

⁵ As regras 3 e 4 da casa o exigem explicitamente. Elas foram suprimidas (retiradas do texto) de seguida, sem dúvida na época em que os jesuítas conheceram as dificuldades que levaram à sua extinção em França (1763).

⁶ Semelhante deposição nunca aconteceu. A nossa história recorda que em 1865, Inácio Schwindenhammer, Superior Geral, se opôs vigorosamente a receber qualquer crítica que fosse destas consultas trienais: ele na prática eliminou-as. De seguida encontrou-se outro modo, mais comum, de exercer um controle de maneira equilibrada: o Superior Geral que fosse eleito por um mandato limitado. Ver. Amadeu MARTINS,(1981). “Exposition de quelques membres de la Congrégation contre l’administration du Père Schwindenhammer». In Cahiers spiritains, n° 14, Jan.- Junho: 29-35.

os seus discípulos como membros duma ordem contemplativa rigorosa⁷.

De facto, logo que as circunstâncias históricas permitiram aos espiritanos ser missionários (por volta de 1730), as missões longínquas foram acrescentadas à lista das tarefas prioritárias a favor dos pobres e abandonados. Então o magnífico trabalho realizado por algumas dúzias de padres que foram para o Canadá e Extremo Oriente levou o Ministro geral das colónias a propor que a Congregação aceitasse oficialmente a responsabilidade do ultramar. Quando esta proposta foi aceite, a nova situação levou os superiores da Congregação e do seminário (que legalmente constituíam o instituto) a admitir missionários como associados. Isto começou a ser concretizado mais ou menos a partir de 1775; temos então o primeiro exemplo claro duma associação com missionários da Guiana (recordemos que então o termo *associado* significava: ser membro da Congregação, inscrito no *registo dos associados*).

Depois da Revolução Francesa, as tarefas missionárias tornaram-se prioritárias para os espiritanos, e de repente, a admissão de missionários foi olhada como normal, como aparece numa carta do Pe. Jean Perrin, o primeiro prefeito apostólico espiritano: “Todos os padres que forem enviados, escreve ele em 1807, serão membros da Congregação (...); todos os missionários doentes e na reforma serão tratados nos seus estabelecimentos”. Mas as contingências políticas por várias vezes impediram de pôr plenamente em prática esta decisão, até que em 1848 ela pôde por fim ser tida em conta.

Resolvida a aceitação de missionários na Congregação, não houve muita preocupação com a expansão do instituto, pelo menos no sentido estrito, como o fruto duma política de crescimento. A única expansão que houve foi consequência de factores externos ou seja: os pedidos dos bispos de Meaux e de Verdun para se encarregarem dos seus seminários diocesanos e a aceitação de missões nas Américas e na África⁸. Até ao generalato de M.Leguay, nos finais de 1840, a Congregação não mais teve em vista encarregar-se doutros seminários, tanto na França como nas missões fora do Império Francês, nos Estados Unidos como também ao longe na Nova Zelândia. Sem ser por sua culpa, ela não esteve em condições de o fazer.

A situação da Congregação depois da Revolução mostrou a sua fraqueza pelo facto de ela ser mais um movimento que uma organização, isto é, um instituto estruturado. A Congregação não tinha previsto nada para permitir a sua expansão e o seu crescimento; nem mesmo tinha estruturas jurídicas suficientes para exercer a sua autoridade sobre os seus padres quando saíssem do seminário; não tinha o poder de conservar o pessoal necessário para assegurar a sua sobrevivência. O seu carisma pôde permanecer vivo, mas por si só, foi incapaz de impedir o seu declínio. A vinda do Pe. Libermann e dos seus discípulos em 1848 salvou-a do desaparecimento iminente, trazendo-lhe

⁷ Ver: “Mémoire sur la vie de M. Claude-François Poullart des Places”, atribuída a Pierre Thomas cssp, in KOREN, *Écrits*: 270. Acrescente-se que M. des Places primeiramente não tinha concebido a ideia de formar eclesiásticos, mas santos religiosos que se entregassem aos rigores da penitência se Deus os chamasse ao claustro”.

⁸ Houve também a misteriosa aceitação dum seminário na Córsega, talvez ligada a um projecto de missão no Próximo Oriente; os historiadores nunca estudaram esta obscura questão.

as estruturas necessárias, o pessoal e uma direcção capazes não só de a conservar, mas de lhe dar novo vigor ao seu ideal de disponibilidade evangélica.

- II -

A tradição espiritual da Congregação do Espírito Santo

Introdução

Esta segunda parte aborda o mesmo tema que a precedente, mas procurando apreender duma maneira mais completa os elementos que entram no carisma espiritano. É uma tentativa de síntese que tem muito interesse para todos aqueles que desejam compreender melhor a tradição espiritual da Congregação do Espírito Santo.

O Pe. Koren resume assim estes diversos elementos: “parece-me que a nossa espiritualidade viva pode ser descrita perfeitamente como uma disponibilidade evangélica que está atenta ao Espírito Santo manifestando-se nas situações concretas da vida”. Estes traços fundamentais ajustam-se tanto à herança de Poullart des Places apresentada nestas páginas como à de Libermann que não é tratada aqui.

O Pe. Koren mostra de seguida, como estes traços se encontram, não só na vida de Poullart des Places, mas também na dos seus discípulos, ao longo dos anos 1703-1839. As pesquisas do Pe. Koren sobre os espiritanos, tendo trabalhado nas missões da Acádia, do Extremo-Este dos Estados Unidos e do Canadá (mas também nas do Extremo Oriente) permitem-lhe citar testemunhos de que se fala pouco.

Recordar-se-á que o termo espiritano designava então os padres formados pelo Seminário do Espírito Santo, sob a direcção e carisma vivido e transmitido pelos seus formadores, herdeiros da obra de Poullart des Places.

Lendo-se o Pe. Koren, compreende-se justeza daquilo que Nicolas Warinet (1795-1863), membro da Congregação do Espírito Santo, depois Superior Geral interinamente (de 7 de Janeiro a 28 de Abril de 1845), dizia nas suas famosas homilias por ocasião das festas patronais do seminário: a tradição espiritana tem-se conservado bem, não só nos textos, mas sobretudo no modo de viver de muitos espiritanos de antes da fusão de 1848.

Os dois elementos fundamentais do carisma espiritano⁹

A disponibilidade evangélica

O primeiro traço característico do carisma espiritano é sem sombra de dúvida a disponibilidade evangélica nos seus dois aspectos. Antes de tudo, disponibilidade diante de Nosso Senhor: nós colocamo-nos diante de Deus, desejosos de estar inteiramente à sua disposição. Tal é a santidade à qual cada um de nós é chamado, dizendo muito simplesmente a Deus: “eis-me aqui, Senhor”. Em seguida, disponibilidade para os nossos irmãos e irmãs, o que nos faz acrescentar a “eis-me aqui” as palavras “Envia-me”. Esta é a base da nossa vida apostólica: a nossa disponibilidade diante de Deus, da qual é preciso reter que os dois aspectos são as facetas duma única e mesma disponibilidade, como o amor a Deus e aos nossos irmãos e irmãs são uma mesma realidade.

“A disponibilidade
evangélica”

“eis-me aqui,
Senhor”

⁹ Damos aqui uma versão condensada e adaptada das páginas 15-18 de Koren, Essays.

Esta dupla disponibilidade implica antes de mais uma vida interior de união a Deus, isto é, uma vida de oração, e, de seguida, uma pobreza evangélica feita de pobreza material e pobreza espiritual. A compenetração destes dois aspectos da nossa disponibilidade dá, em princípio, a chave dum eterno problema: o da conciliação entre vida apostólica e vida religiosa. Se as duas constituem uma única e mesma realidade, então a santidade à qual somos chamados - a nossa presença contínua diante de Deus numa atitude de disponibilidade - é a própria essência duma vida verdadeiramente consagrada ao serviço do Evangelho no meio dos nossos irmãos e irmãs.

O segundo elemento duma autêntica disponibilidade evangélica, é a pobreza evangélica na sua dupla dimensão: pobreza material e pobreza espiritual. A primeira pode exprimir-se em poucas palavras: respeitando inteiramente as necessidades fundamentais da vida, ter uma atitude moderada com relação aos bens materiais, tanto para cada pessoa como para a comunidade. A nível espiritual, a pobreza evangélica exige uma atenção constante àquilo que a vida nos traz nas suas contínuas mutações: uma atitude de abertura ao mundo.

A atenção ao Espírito Santo manifestando-se nas situações concretas da vida

Esta abertura à experiência exige o nosso abandono do passado. Quando o passado está verdadeiramente para trás, torna-se um museu daquilo que foi a vida. Isso já não diz nada ao homem, a não ser que ele esteja interessado pelas antiguidades. Se o espiritano não quer pregar aos mortos, deve basear-se sobre as coisas vividas entre aqueles que o escutam. Como consequência, é no que está vivo hoje, que ele entenderá os murmúrios do Espírito Santo. É só esta atenção ao Espírito que permite discernir o que vem de Deus (mesmo olhando ao passado, mesmo entre aqueles que não partilham as nossas convicções e mesmo as atacam) e o que tem a sua fonte noutra lado. Discernir é sempre necessário para diminuir a margem dos nossos erros. Mas a flexibilidade do espírito que deveria caracterizar o espiritano, exige dele que abandone as posições tomadas, as orientações segundo as quais ele gastou, Deus sabe como, anos de trabalho árduo, sem pena e sem se prender ao passado, desde que a experiência lhe mostre que ele estava num caminho sem saída. Maria é o nosso modelo em tudo isso: ela foi sempre fiel ao seu divino Esposo numa atitude inteiramente evangélica...

“Maria é o nosso modelo em tudo isso”

De 1703 a 1839, vidas de espiritanos fiéis a este espírito¹⁰

Poullart des Places escreveu uma regra só para o Seminário do Espírito Santo. Aí se faz referência a uma consagração especial de todos os estudantes ao Espírito Santo; tanto os formadores como os estudantes “terão uma singular devoção à Santíssima Virgem, sob cuja protecção se ofereceram ao Espírito Santo¹¹”. Lendo estas regras, descobre-se uma insistência sobre a oração exprimindo esta dupla consagração.

¹⁰ Damos aqui a tradução de KOREN, Essays, p. 18-21. para as duas edições.

¹¹ Poullart des Places, Règlements Généraux et Particuliers, 1706, Regra 1 : KOREN, Écrits: 164; LÈCUYER, Écrits: 79; na presente obra: 333.

A primeira regra oficialmente aprovada, a de 1734, que se baseia largamente sobre a tradição proveniente do fundador, retoma esta consagração e indica os objectivos da Congregação: formar padres pobres que estejam preparados para tudo, para anunciar o Evangelho aos pobres e mesmo aos descrentes, preparados igualmente para aceitar os ministérios mais abandonados e os mais difíceis na Igreja¹². Os historiadores dão testemunho de que o apostolado dos espiritanos tinha por fundamento uma mística de pobreza: pobreza não pelo amor de nada possuir, mas pelo seu valor de testemunho prestado ao evangelho.

Citemos alguns exemplos vividos e alguns testemunhos. O *espiritano*¹³ Charles Besnard, terceiro Superior geral dos Monfortinos, escrevia no século XVIII que os espiritanos estão preparados “a ir por toda a parte onde é preciso trabalhar pela salvação das almas, entregando-se de preferência à obra das missões, quer estrangeiras quer nacionais; oferecendo-se para ir residir nos lugares mais pobres e mais abandonados para os quais dificilmente se encontram obreiros¹⁴”. No mesmo século, o Padre de Isle Dieu escreve ao duque de Choiseul, em 1763, que, para prefeitos apostólicos nas colónias, “seriam precisos homens não tomados ao acaso, mas homens escolhidos e de elite, (...) homens que tenham o espírito evangélico e verdadeiramente apostólico, homens que tivessem sido formados (se fosse possível) nos seminários como o do Espírito Santo”. Com efeito, neste seminário, os homens que aí são formados “preparam-se para os postos mais difíceis, mais trabalhosos, menos lucrativos e os mais abandonados¹⁵”.

Para citar exemplos pessoais de espiritanos, comecemos por “Monsieur” Caris¹⁶, morto em “odor de santidade”, conhecido por toda a parte em Paris como o legendário *pobre padre*. Na pedra do seu túmulo, hoje desaparecida, tinha a seguinte inscrição: “aqui repousa Pierre Caris, pobre padre, Escravo de Maria, Procurador deste Seminário: viveu sempre para Deus e para o próximo; para ele, nunca! Morreu a 21 de Junho de 1757. Reza. Imita¹⁷”.

¹² LE FLOCH, Poullart des Places, Nova edição 1915: 586. Para uma edição crítica, ver: BOUCHARD & NICOLAS (ed.) (1968). *Synopse des deux Règles de Libermann, précédée de la première Règle spiritaine*. Paris: 30, Rue Lhomond: 8

¹³ Lembremos que o termo “espiritano” designava no século XVIII um padre formado no Seminário do Espírito Santo.

¹⁴ KÖREN, *Écrits*: 288. Texto ligeiramente corrigido segundo a edição mais recente: Charles BESNARD, (1981). *Vida de Luís Maria Grignon de Montfort*. Roma: Centro internacional monfortino, Documents et Recherches IV: 283.

¹⁵ Albert DAVID, *Les missionnaires du Séminaire du Saint-Esprit à Québec et en Acadie au XVI-Ille siècle*, Mamers, imp. Gabriel Enault/ Paris, Société d'histoire du Canada, 1926: 57 e 53 para as duas edições.

¹⁶ Até ao século XIX (e mesmo depois) os eclesiásticos que não pertenciam a uma Ordem eram chamados “Messieurs”: messieurs du Saint-Esprit, de Saint Sulpice, etc.; mas Padre Jesuíta, Capuchinho, etc.

¹⁷ H.LE FLOCH, (1915). *Poullart des Places*. Nova edição: 401. É uma tradução dada aqui, porque o original é em latim: “Hic jacet Petrus Caris, pauper sacerdos, Servus Mariae, hujus seminarii procurator: Deo et proximo vixit, nunquam sibi. Obiit die 21 junii 1757. Ora. Imitare”. Este epitáfio, hoje desaparecido é referido por Charles BESNARD, op. cit.: 322.

M. Allenou da Ville-Angevin entrou no Seminário do Espírito Santo em 1703 e foi Cónego de Québec. Doou ao bispado para os pobres tudo o que possuía; morreu também em “odor de santidade”¹⁸.

M. Le Loutre gastou todo o seu património para socorrer os Acadianos exilados e recusou da parte do governo qualquer compensação pessoal pelo seu ministério. A sua certidão de óbito traz igualmente a menção: “morto em odor de santidade”¹⁹.

Mgr. Pierre Kerhervé, trabalhando em Sião, nomeado Vigário Apostólico na China (mas, estando quase cego declinou esta responsabilidade) tinha um guarda-roupa que consistia numa velha batina e num par de sapatos completamente usados. Sem nenhum dinheiro no bolso empreende uma viagem para restaurar a paz e morre no mar²⁰.

M. Maillard morreu também “em odor de santidade” em Halifax em 1762. O segredo do seu sucesso entre os Índios Micmas é atribuído ao facto de ele se ter identificado totalmente com eles. Nas refeições contentava-se em partilhar a sopa mal cheirosa à base de foca. À sua morte deixou unicamente alguns velhos móveis e os seus manuscritos em Micmac. Estes escritos mantiveram a fé dos Índios durante mais de um século, na falta de padre²¹.

Mgr. Pottier, Vigário apostólico de Su-Tchuan na China, escrevia: “tenhamos o mínimo de necessidades possíveis e seremos sempre ricos. Só custa a princípio. Tendo a vida e o vestir, que mais se pode desejar que seja razoável?”²².

Citemos ainda M. Lanoë, missionário dos Índios na Guyana (morto em 1791), que escrevia: “A minha única ambição tem sido cooperar na obra de Deus; quando estiver seguro de mendigar o meu pão ao fim dos meus dias, com nada mais me inquietarei. J.C.(Jesus Cristo) meu divino Mestre tinha outra condição muito diferente da minha; prefiro a pobreza e a ignomínia da cruz, a todas as riquezas e honras do mundo”. Ele queria que os missionários da Guyana observassem os mesmos princípios do Seminário do Espírito Santo: “Peço ao Senhor que vos dê a graça de encontrar verdadeiros missionários, cheios do espírito do seu ideal, e totalmente desapegados do mundo e do dinheiro. Queria que fôssemos todos um só coração e uma só alma, e que não conhecêssemos nunca este miserável meu e teu, que causa tantas desordens, que dissêssemos e pra-

¹⁸ MICHEL, Poullart des Places: 289.

¹⁹ Henry J. KOREN, *Knives or Knights? A History of the Spiritan Missionaries in Acadia and North America, 1732-1839* (Pittsburgh, Duquesne University, 1962): 85ss. Esta obra do Pe. Koren foi traduzida em francês com o título “Chenapns ou chevaliers? (Knives or Knights?)” traduzida do inglês pela equipa espiritana: Pe. Armand Larose, P. Henry Lestage, P. Antoine Mercier, Montréal, Casa Provincial, 1979: 201. Ver também: H. KOREN, *Les Spiritains: 52-96*, a parte sobre «Les Missions en Acadie, auprès des Indiens, 1755-1763»: 89-92 para Le Loutre.

²⁰ J. MICHEL, Poullart des Places: 310 ss.

²¹ H. J. KOREN, *Knives*: 78 ss.

²² J. MICHEL, op. cit.:311.

ticássemos todos os dias estas doces palavras, *Dominus pars haereditatis meae etc.* Mas infelizmente vemos que a mudança de clima muda também os costumes²³”.

E depois há também os testemunhos dos herdeiros da tradição proveniente de Poullart des Places que trabalharam nos Estados Unidos, o último dos quais morreu em 1839, exactamente antes de Libermann empreender a fundação da *Obra dos Negros*. M. Jean-François Moranvillé era um dentre eles. Antigo missionário na Guyana, prestou juramento constitucional do Clero, arrependeu-se do seu erro e chegou aos Estados Unidos no fim de 1794. Foi o primeiro cidadão americano membro da nossa Congregação (1804). Durante trinta anos, penitenciou-se austeramente pelos seus pecados. Levantava-se muito cedo todas as manhãs para ficar três horas em oração; nunca aqueceu o seu quarto no presbitério de Saint-Patrick de Baltimore, e gastou todos os seus recursos ao serviço dos pobres. Alguns meses antes da sua morte (também ele “em odor de santidade”) em 1824, o seu arcebispo escreveu ao bispo de Boston: “Eu consideraria a sua perda como uma calamidade maior do que se tivesse perdido vinte padres”. E o arcebispo dizia isso quando vinte padres representavam cerca de 10% de todo o clero dos Estados Unidos²⁴.

M. Matthieu Hérard, também ele refugiado da Guyana, trabalhou nas ilhas Vierge, Martinica e nos Estados Unidos, incluindo Pittsburgh. Embora trabalhando em lugares de grande pobreza, fez dons consideráveis aos sulpicianos, aos carmelitas de clausura de Baltimore e ao Seminário do Espírito Santo. Deu a M. Bertout, Superior Geral, o dinheiro necessário para abrir o primeiro seminário menor das missões em França (mesmo ao lado da casa mãe). Teve de viver muito frugalmente para fazer tais dons²⁵.

Pode-se ver por estes exemplos (e poderíamos acrescentar muitos outros), como os espiritanos de ontem viviam a sua vida apostólica, tendo por fundamento a disponibilidade evangélica diante de Deus e dos homens. Nas situações concretas da sua vida, estavam à escuta do Espírito Santo, antes de tudo escutando a voz dos seus superiores e, depois, quando eram dispersos pela perseguição, procurando nas diversas situações o apelo evangélico que lhes era dirigido nos acontecimentos concretos.

O Espírito sopra onde quer

Regressemos por um instante, para terminar, a M.Hérard, o último missionário espiritano do século XVIII que trabalhou no Novo Mundo. Embarcou para França em 1837 para celebrar as suas Bodas de Ouro com os seus confrades de Paris. Em 1839, quando visitava a família, morreu na sua aldeia natal de Ampuis, perto de Lião, a 17 de Outubro de 1839, com a

²³ Carta de M. Lanoë a M. Becquet, Superior Geral, 6 de Novembro de 1784, Arquivos CSSp. 4-B-III(cópia). Admirar-se-á a arte da prática do imperfeito do conjuntivo.

²⁴ Henri J. KOREN, (1983). A Spiritan who was in North America and Trinidad. Pittsburgh: PA, notice 24: 11-12. Jean François Moranvillé nascera em 1760 em Cagny, perto de Amiens onde morreria a 16 de Maio de 1824.

²⁵ H.J. KOREN, Knaves: 149, 160 ss.

idade de 75 anos²⁶. Alguns dias mais tarde - e o acaso desta coincidência bem poderia aqui chamar-se com outro nome -, a 28 de Outubro de 1839, Libermann, mestre de noviços dos Eudistas, em Rennes, recebia “alguma ténue luz” encorajando-o a juntar-se à “Obra dos Negros” ao lado de Le Vavas seur e Tisserant. Dentro em pouco viajaria para Roma para aí apresentar o projecto, e a abertura do noviciado dos Missionários do Sagrado Coração de Maria em La Neuville, perto de Amiens, a 17 de Setembro de 1841. E sete anos mais tarde, com a “fusão” de 1848, Libermann devia tornar-se o 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, renovando-a por um espírito de disponibilidade evangélica, de pobreza e de atenção aos sinais do Espírito Santo, numa espantosa continuidade com a tradição espiritual recebida de Poullart des Places.

(Tradução: Domingos Neiva, CSSp)

²⁶ H.J. KOREN, A Spiritan who was. op. cit., notice 26, 13-14: 10.